

ÊXODO DE EX-TEMPORÂNEOS

IN-CONFIDENTES

(OU GRATIDÃO PARA ALÉM DO RELATÓRIO)

Douglas Heidtmann Junior

Acabo de ler em uma postagem de rede social, a seguinte afirmação: "se viajar fosse de graça, vocês provavelmente nunca mais me veriam". Semana passada, durante o feriado de Tiradentes, tive a grande satisfação de viajar a Minas Gerais, aquela que "quem conhece não esquece jamais". Acompanhei uma turma de alunos de RETRÔ da Arquitetura e Urbanismo da Udesc-Laguna, aos quais sou absolutamente grato por, muito além de algo em miniatura, terem me dado enormes lições de paciência e companheirismo. Na volta, a instituição nos exige que escrevamos sobre a viagem, sob um viés mais "técnico", ou como preferem dizer, sob a forma de relatório.

Fiz o relatório. Mas não me foi suficiente. Fiquei com a impressão de que um relatório, que vai para um sistema, que vira uma mera página impressa, corrigida, carimbada, assinada e arquivada em um arquivo-"morto", não era um encerramento digno para essa viagem. E resolvi escrever outra coisa: uma postagem que, embora não leve carimbos nem assinaturas, pode "tocar" positivamente as pessoas, algo que os papéis que tanto circulam pelos caminhos burocráticos das instituições pouco (ou nunca) fazem.

Essa postagem, um pouco mais longa do que a primeira sobre a qual falei, tem praticamente o mesmo significado: viajar é "trem bão demais da conta, uai". Nosso caminho por Minas quase começou por um apanhado de arte conTEMPOrânea que, revestido por edificações de arquitetura também conTEMPOrânea, atrai muitos turistas e estudantes das gerações mais conTEMPOrâneas. Pelo viés da (sempre tão útil) democracia, que se fez viável por meio de uma enquete de rede social (ainda descobri que, conTEMPOraneamente, se fazem enquetes por qualquer coisa) conseguimos o voto da maioria para nossa causa, carinhosamente apelidada de #tchauQUERIDAINHOTIM.

Assim, como argonautas em uma imaginária "máquina do TEMPO", pulamos o TEMPO presente (ao qual corresponderia uma visita a um grande parque de Arte e Arquitetura conTEMPorâneas), para irmos diretamente ao TEMPO passado mais próximo de nós, o TEMPO que costumava ser acompanhado de um quase-adjetivo mais que suspeito: Moderno. Chegamos à planejada Belo Horizonte e, numa espécie de ato falho (talvez, em decorrência daquele histórico 7 x 1), acabamos nos "esquecendo" do Mineirão, para irmos diretamente ao conjunto moderno da Pampulha, implantado ao redor do lago artificial de mesmo nome e que visou, à sua época, promover a urbanização nos arredores da capital de Minas Gerais. Ali, seríamos agraciados por uma ótima tarde de (re)descoberta das ideias modernistas de ocupação do (tão grande) espaço. Caminhamos, caminhamos, caminhamos e lemos o seguinte: "Pampulha foi o início de Brasília, os mesmos problemas, a mesma correria, o mesmo entusiasmo e seu êxito influenciou, com certeza, na determinação com que JK construiu a nova capital". Começamos pela Capela de São Francisco (a primeira de muitas outras em culto ao mesmo "São Chico" e que encontraríamos em nossa mineira peregrinação). Segundo o conceito do arquiteto Oscar, a Capela daria a oportunidade de penitência àqueles que, porventura, tivessem ultrapassado limites na Casa de Baile, no Yacht Club ou no Cassino. Nós, precavidos que somos, já começamos pela penitência. Após termos um pequeno atraso na saída, fomos descansar (nem todos) daquele dia 21 de abril de 2016 que, embora não pudesse se comparar ao 21 de abril de 1792, talvez, para muitos que ali estavam, simbolizasse um pouco de Liberdade, ainda que tardia.

Fomos circular, na manhã do dia seguinte, pelos corredores de uma edificação que, pelo nome, parece sempre velha conhecida de todos, mas que, pelo uso e, mais ainda, pela qualidade do uso, cada vez mais se distancia da nossa vida em sociedade: um Mercado Público. Além de provarmos "pãozim" de "queijim" e um "cafézim", também vimos produtos típicos, doce de leite, queijos de leite cru, da Canastra, do Salitre, de Araxá, São Roque, frutas, verduras, artesanato, hotwheels do Batman (?), bebidas para todos os gostos servidas em copo lagoinha nos tradicionais botecos mineiros e, pasmem, várias lojas de suplementos alimentares, com aqueles cartazes de fisiculturistas, espalhadas pelos corredores...vai ver, assim serão os mercados públicos do futuro: "bombados". Por sorte, ainda estamos no presente. Saindo de lá, fomos para a Liberdade (a praça, no caso). Ali, tem-se a verdadeira ideia de como a convivência de arquiteturas que se "invadem" e se "justapõem" pode levar-nos a uma espécie de exTEMPoraneidade, na qual, ao passo que

parecemos estar perdidos, também temos a impressão de estarmos mais presentes, no nosso tempo, um tempo que, por ilusão, sonhamos ser ilimitado. Assim, visitamos as edificações ecléticas que, por ordem de um (leviano?) governador, tiveram seus usos de repartição pública enxotados para fora do centro urbano e foram "tomadas" por usos voltados à arte e à cultura, tornando-se, assim, de acesso verdadeiramente público, com entrada gratuita.

Críticos que costumamos (e sempre queremos) ser, acabamos envolvidos e inebriados pelas surpresas que a tecnologia e, principalmente, a criatividade dos espaços nos propõem. "Viajando" um a um, (re)conhecemos o cotidiano sensorial de Ligia Clark, o coração de estudante de Milton Nascimento e o Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meirelles, assim como também o arquiteto Paulo Mendes da Rocha e o aço vermelho como uma nova coroa para o eclético. Ao fim, ainda atordoados, parecemos ter entendido o porquê da inclusão do termo "cultural" nos títulos dessas edificações. Inquietos e curiosos, ainda ficamos com a imagem do famoso "Rainha da Sucata" dos anos 80 que, em suposta analogia à platibanda com frontão de seu vizinho, ergue-se como um catálogo pós-moderno (ou seria pós-cafona, professora Danielle Benício ?) de materiais metálicos para a construção civil. Um "catálogo" que, de acordo com a placa da obra, está surpreendentemente fechado para "restauração".

Quer dizer que o pós-moderno já está sendo restaurado? Como esse TEMPO passa rápido... Saindo da NOVA capital mineira e chegando à ANTIGA capital Vila Rica, com mochilas nas costas (mala de rodinhas é para amadores), fomos em busca do "nosso ouro" que, por não sermos bandeirantes, se transfiguraria em um inesquecível e cobiçado por do sol, daqueles que "abraçam" o aparentemente desordenado e espontâneo amontoado de edificações, sobreposto por campinas verdes, em que igrejas se parecem com pássaros pousados a vigiar o que seria nossa nova "morada" junto à Praça Tiradentes. Manhã seguinte, foi-se ao roteiro "des-planejado" e inspirado em flanagens benjaminianas (talvez, não tão contemporâneas a todos) que propunha perder-se pelas ladeiras e dobrar esquinas que pareciam insistir em esconder olhares fugidios. Mesmo "perdidos", visitamos a igreja de São Francisco de Assis (a segunda da nossa peregrinação de "São Chico" e que nos ensinou que, dependendo do lugar, portas que tapam ventos também separam o sagrado do profano), a Igreja do Pilar (a do ouro), Igreja do Rosário (a dos pretos), a Casa dos Contos (da senzala no subsolo) e, por fim (ou teria sido o começo?) o Museu da

Inconfidência (o das quatro estátuas decorativas, simbolizando Justiça, Coragem, Temperança e Força).

Dos casarões (alguns menos "ões" do que outros) surpreendemo-nos com tubos de queda malabaristas em telhados arrematados com cachorros e com aquela "inclinaçãozinha no final, obtida com uma peça de madeira que o professor Fabiano Teixeira Dos Santos ensinou o nome...como é mesmo o nome? Ai, meu deus...CONTRAFEITO !!!" Já de um outro casarão, aprendemos que vender pode ser realmente um ritual, passando pelo Aleijadinho, pela física nuclear, por conspirações da Rússia, por estreitas escadas que rangem, por buracos na parede onde os inconfidentes escondiam o ouro do quinto, por gargarejos, pela parestesia, por obras embargadas, muitas e...bom, no fim, por qualquer mil réis em troca de uma cachacinha mineira. Dentre tantas "barrocas descobertas", encontramos novamente com o Arquiteto Oscar que, com maestria e por exigência do, à época, já temido turismo, soube inserir o NOVO hotel em meio ao ANTIGO casario.

Ao entardecer, a lua parecia ter-nos acompanhado, mesmo que escapando às nossas insistentes tentativas de capturar sua beleza com nossas câmeras, como que alertando-nos: "Por que fotografar? Por que esforçar-se para guardar o que vivem em qualquer outro lugar que não apenas na simples e degradável memória humana?" Aos pés da história, questionamo-nos sobre ela ser falsa. Falso histórico na Praça Tiradentes? Pode isso, professora Alice Viana ? Sem respostas precisas e, na verdade, sem precisar de respostas, encerramos nossa estadia em Ouro Preto, "acobertados" com o espírito de irmandade daqueles que, na impossibilidade de usarem coroas de reis ou rainhas, contentam-se com a singeleza de uma Tiara. No dia seguinte, chegando a São João, esse sim, do Rei, tivemos um imprevisto: perdemos o trem. Isso mesmo: perdemos (sem aspas, dessa vez?). Mas só se perde o que se tem, portanto, como o trem nunca foi nosso, não o perdemos. Assim, a pé e em busca de comida, cruzamos pontes arcadas em pedra de um lado para outro, enquanto nos perguntávamos sobre a razão de pontes tão robustas se o córrego parecia ser tão pequeno e singelo. Acabamos sabendo que, por ocasião das enxurradas, o pequeno riacho que deu origem à cidade e sempre a dividiu, transborda e ocupa todo o espaço entre as duas margens. Comemos. Comemos bem. Cruzamos com a estátua de um falecido nativo da cidade: um constituinte político que, em seu monumento, parecia insistir em sorrir (deve ser porque não sabe do que está acontecendo no país, no TEMPO de hoje, principalmente, devido às leviandades de seu neto).

Chegamos à nossa terceira Igreja de São Francisco de Assis, mas essa estava fechada, deixando-nos apenas a mirar e admirar seu frontispício e suas torres. Diz-se que, dentre tantas outras, a maior virtude de "São Chico" era a de ser itinerante e não fixar-se em nenhum convento, para pregar. Dante Alighieri disse que Francisco foi uma "luz que brilhou sobre o mundo". Talvez, a esse ponto da viagem, nós já tivéssemos nos tornado um pouco franciscanos, dando exemplos de humildade e até de devoção. Talvez, já pudéssemos nos considerar devotos do ANTIGO e, assim, pudemos partir rumo ao nosso último destino, antes do retorno: Tiradentes. Ainda em São João Del Rei, ouvimos que a cidade de Tiradentes não tinha mais moradores verdadeiros e que se tornara uma cidade de turismo de elites. Chegando lá, deparamo-nos com charretes coloridas com figuras de desenhos animados atuais que pareciam comprovar os relatos que ouvimos. Só pareciam. Embora, possamos fazer quaisquer críticas a eventuais "maquiagens" que a cidade tenha sofrido para receber turistas, sua ambiência, ao por do sol e ao anoitecer, deixou-nos maravilhados. Suas ruas de pedra não revelam apenas suas belezas, mas nos levam a um cenário delicadamente poético que parece tornar o TEMPO mais devagar. Que parece fazer com que queiramos parar para descansar mesmo que não haja cansaço. Um encantamento que nos curva por ruelas, levando nosso olhar distraído a correr por beiras-seveiras, beirais de cachorro, cimalthas, portas almofadadas, janelas coloridas, de guilhotina, de bandeiras desenhadas, que nos conduzem a uma "restaurada" Casa de Cadeia, dessa vez, separada da Casa de Câmara (quer dizer que, aqui, resolveram separar os ladrões?).

A Arquitetura se abraça e abraça a quem passa, fazendo-nos esquecer de perguntar se as casas que vemos são falsas ou verdadeiras. Enfim, por que saber o que é falso e o que é verdadeiro? De que importa, se já fomos, pela Arquitetura, abraçados? Tiradentes nos leva à última ladeira de nossa viagem. Lá, encontramos o alferes que dá nome à cidade. Lá, em mais uma igreja, encontramos São Fran...não, pera. Dessa vez, não é São Francisco, mas Santo Antonio que, mesmo não sendo dos Anjos, parecia querer sinalizar que já estávamos em um caminho de volta a Laguna. Nossa viagem chegava ao fim. Felizmente, nosso navio não naufragou como anunciaram falsos presságios pré-viagem. Mas nosso TEMPO estava acabando. Embora tenhamos ouvido os Stones nos dizerem que o "time is on my side" (traduzindo: "...as pedras nos disseram que o TEMPO está do nosso lado"), já começávamos a guardar tudo o que tínhamos vivido na "pasta" das reCORdações. Chegávamos ao hoje. A "uma

possibilidade" de hoje. Mas ainda não tínhamos o amanhã. Aquele que "a Deus pertence", mas que cabe a cada um de nós fazer.

Nossa viagem tinha se tornado ontem, afinal, ela sempre foi "de ontem". Ela tinha como objetivo visitar e re-conhecer o ontem, o de antes, o ANTIGO, aquele que se guarda no museu. Sobre o amanhã? Bom, o amanhã, mesmo que ainda não o conheçamos, também já tem seu próprio NOVO museu, mas essa já é outra história a ser contada em outro relatório. P.S.: de volta ao Ceres, acabamos nos deparando com uma REAL-idade em que muitos manifestavam suas inquietações com o país, e para as quais, acabamos reCORdando de canções mineiras que, embora sejam de "nosso TEMPO", ainda parecem bem apropriadas: "Cada um terá razões ou arpões, Dediquei-me às suas (con)tradições, (con)fissões, (con)fusões (...) Ô pacato cidadão, C'est fini la utopia, Mas a guerra todo dia, Apoiado em poesia e em tecnologia (...) É como no Arpoador não ver o mar, É como não morrer de raiva com a política (...) Se o país não for prá cada um, Pode estar certo, Não vai ser prá nenhum..." (ROSA, Samuel et al. MTV Ao Vivo em Ouro Preto. 2001)

